



XXIX
Jogos Florais
Monforte
maio de 2024

Trabalhos Premiados





FICHA TÉCNICA

TÍTULO

XXIX Jogos Florais do Concelho de Monforte
Trabalhos Premiados/2023

EDIÇÃO

Município de Monforte

AUTOR(ES)

Vários

CAPA, PAGINAÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Município de Monforte

TIRAGEM

150 exemplares

DEPÓSITO LEGAL

531699/24

ISBN

978-989-8177-39-1

XXIX Jogos Florais de Monforte – 2023



Poema Lírico

1º Prémio

Tito Olívio Henriques – “Capitão Duarte” - Mãe

2º Prémio – Ex-aequo

Maria Fátima Dinis C. Baptista – “Medo” – O Saber e a Vida

Marta Hermínia Viana Guerra A. O. Santos

“Saudade” – Uma lágrima cai...

3º Prémio – Ex-aequo

Francisco Manuel Matos Serra – “Feliz Mino” –O Fado

João Francisco da Silva – “Nostalgia” – Desumana Meta

Mencões Honrosas

Francisco Manuel Matos Serra – “Tristão”

A tristeza e a sua natureza fortuita

João Francisco da Silva – “Dupla admiração” – Saludar Dualidade

António Monteiro de Aguiar Oliveira – “Mar-Ujo” – Silêncio

José Manuel Cardoso Moreira – “Mário Santos”

Maria da Conceição Pereira – “Cotovia”

Não sou mais do teu tamanho

1º Prémio

MÃE

Se tu me viesses, mãe!...
Se pudesses descer do longe e vir...
As tuas asas brancas, transparentes,
seriam bálsamo para os meus males sem remédio.
Quando oiço lá fora o ranger da areia,
abro os olhos e vejo-te.
Mas tu não vens, já não poderás vir...
Se tu me viesses, mãe!...
Se pudesses vir ver-me e olhar-me
para dentro, para o fundo...
Verias dentro em mim o fim do mundo.
Eu, que deixaste tão forte, tão senhor do meu querer,
acho-me agora sem norte,
à espera que venha a Morte, só à espera de morrer.
Às «vezes, quando a dor é mais pungente,
julgo ver-te à minha frente, à minha frente assim
como outrora a olhar para mim. Mas tu já não me vês...
Tu já não me podes ver...

Se tu me viesses, mãe!...
Se pudesses estender a tua mão,
por sobre a enorme distância,
acalmarias, como na infância,

este meu inquieto coração.
Está tão diferente o teu menino de agora,

Já não é o menino, que chorava pra te ouvir cantar.
É outro já. Um outro, que já não chora,
que já não sabe, não pode chorar...

Tito Olívio Henriques - *Faro*

2º Prémio Ex-aequo

O saber e a vida

Era uma vez um ser atormentado
Temendo o céu irado, a terra nua,
O mar tumultuoso, a solidão.
Era uma vez um ser sempre espantado
Ao renovar do sol, mudar da lua
Ao nascer e morrer cada estação.
Era uma vez o esforço duma mente,
O grito duma voz, vigor do braço,
Passos firmes, poder de decisão.
Uma fé indomável persistente
Que ignorou desesperos, corpo lasso
Que viu quanto valia a união.
E então cantou um hino à natureza
E então fê-la gerar ano após ano
Messes douradas, frutos, arvoredos.
Renovando benesses e beleza
Pintando a vida com seu traço humano
O homem sufocou o antanho medo.

Maria Fátima Diniz C. Baptista
Alcabideche

2º Prémio Ex-aequo

Uma lágrima cai...

A voz do silêncio escuto
e uma lágrima cai...

Na noite vestida de breu
teu olhar enxergo lá longe
sinto de tuas mãos o afago
pressinto tua voz a murmurar
e uma lágrima cai...

O sal da lágrima cintila
humedecido está meu rosto
e tu não estás para o enxugar
e uma lágrima cai...

Grande foi o sofrimento,
quando partiste
a caminho da eternidade.
Deixaste um enorme vazio
uma profunda ferida
que não consegue sarar
e uma lágrima cai...

Ecoa na minha solidão
no meu silêncio,
querida Avó.

Marta Hermínia Viana Guerra A. O. Santos
Póvoa de Varzim

3º Prémio Ex-aequo

O Fado

O fado nasceu, um dia,
num ambiente de farra,
entre sopros de poesia
E gemidos de guitarra.

Ou foi, talvez, nos regressos
das antigas marinhas
a refletir os sucessos
De aventurosas viagens.

Terá sido um descendente
das antigas barcarolas
que convive, alegremente,
Com guitarras e violas.

Na universalidade
que há na alma portuguesa...
digno filho da saudade,
Irmão gémeo da tristeza.

Conheci o fado, um dia,
num ambiente de farra...
num despique de poesia
Acompanhado à guitarra.

É a cor do sentimento
em cultura transformado...
um matiz de sentimento
Na nossa alma gravado.

Que nos ficou registado
na nossa alma sofrida...
do presente e do passado,
Faz parte da nossa vida

Francisco Manuel Matos Serra
Cabeço de Vide

3º Prémio Ex-aequo

Desumana Meta

O idoso, triste, em solidão,
Chora e, já sem alento, reza,
Com grande parte da fé perdida,
Num doloroso vazio de esperança;
É forte a dor, com mágoa do coração
Por não ter importância a sua vida,
Tanto que amou quem hoje o despreza,
Para agora sofrer cruel abandono;
É demolidora a desolação
De sentir-se como cão sem dono,
Sofrendo a frieza do abandono
Por parte de quem adorou!

Quantas lágrimas chorou,
Mas que rolaram em vão...
Já mal sabe o que é sono,
O que era sonho voou...
Pois, p'ra quem não tem coração
Nem pingo de sensibilidade,
Que importa a felicidade
Dos que brevemente irão...

Os telemóveis têm mil aplicações,
A informação é constante e completa,
Com teclados, o mundo é um artista
Mas nada disto vem depurar emoções
Do ser humano, cada vez mais egoísta,
Com torpe ambição e desumana meta!

Sem que na consciência sintam pesos,
Benditos sejam irmãos, filhos ou netos
Que, iluminados pela estrela dos afetos
Proporcionam bem-estar aos indefesos!

João Francisco da Silva
São Tiago dos Velhos

Menções Honrosas

A Tristeza e a sua Natureza fortuita

Estou triste, p'la vida triste...
tão triste por triste ser...
meu coração não resiste
Porque estou triste a valer...

Nem sei porque triste sou,
nem posso justificar...
se estou triste é porque estou,
A tristeza há de passar...

Não me vou preocupar
que a tristeza vai e vem...
ela não vem p'ra ficar
Nem p'ra mim nem p'ra ninguém...

Ela não veio p'ra ficar,
se ficar é por uns dias...
não me vou preocupar
Que hão de surgir alegrias...

Alegrias e tristezas
são coisas da mesma vida...
também as luzes acesas
Se apagarão em seguida...

Ou, então, hão de acender
se estiverem apagadas...
a vida é p'ra se viver
Em situações variadas...

Hoje estou triste mas sei
que, amanhã, estarei melhor...
estou triste porque fiquei
A pensar no meu amor...

Estou triste porque está longe...
e enquanto ela não 'stiver
estou a viver como um monge
Mas não um monge qualquer...

Sou um monge que não reza
e no céu não acredita...
e triste porque me pesa
Uma saudade infinita.

Estou à beira do mar
vendo uma onda agitada...
esta está-se a desviar,
Outra está a dar chegada...

Minha vida é como um mar
com a sua ondulação...
as ondas não vão ficar,
Outras vêm... outras vão...

E, neste mar em que embarco,
sou português marinheiro...
a minha vida é um barco
De que eu sou o timoneiro!!!!!!!

Francisco Manuel Matos Serra
Cabeço de Vide

Salutar Dualidade

Nas cidades existe um estilo de vida acelerado
Que impede a genuína e sã convivência social,
Enquanto no campo tudo é calmo e ponderado,
Sem crescimento louco, vertiginoso ou infernal!

No campo tudo evolui sob a égide da Natureza,
São fruto de suor salgado os laivos de evolução;
É ramo onde se trabalha em alto nível de dureza
E se conhece a vida com uma amarga exatidão!

A cidade fala de história, ciência, arte e riqueza,
E vive, trabalha e diverte-se de modo alucinante,
No campo tudo nasce e cresce entre a singeleza,
De forma tranquila, próspera, sã e deslumbrante!

O humilde agricultor foi sempre o parente pobre
Da cidade que se move com vaidade e opulência;
Mas no campo tudo medra, até a franqueza nobre,
Gerada entre grande saber, labor e competência!

A cidade usa de tudo para exibir a sua elegância,
E passa com um ar distinto a exibir superioridade;
No campo ninguém pensa ter alguma importância
Porque todos são puros filhos da espontaneidade!

Cidade e campo completam-se, são independentes,
Viverão, para todo o sempre, esta salutar dualidade;
Com belos e relevantes feitos de todas as suas gentes
Num hercúleo esforço de dar ao mundo a felicidade!

João Francisco da Silva
S. Tiago dos Velhos

SILÊNCIO

Não me falem do mar...
Não me digam que é largo, imenso e profundo...
Não me digam que o meu país chora sal...
Não me falem das «lanchas dos poveiros,
A sair a barra entre ondas de gaivotas»,
Sejam «Capelos» ou não...
Não me falem das roupas negras que enxameiam as praias...
Não me falem da criança que chora,
Porque o mar não lhe trouxe ,
Nem o pão, nem o pai...
Não me falem dos pescadores,
Com suas botas altas de cavaleiros do mar...
Não me digam que o sol morre em poentes avermelhados...
Não me digam que a espuma das ondas são cristais...
Não me falem de Pessoa, de Nobre ou de Sofia,
Não me digam o que descobrimos...
Não me digam, não me falem,
Calem-se, por amor de Deus, calem-se,
SILÊNCIO...
Deixem-me ouvir o mar...

António Monteiro de Aguiar Oliveira
Matosinhos

vês como a palavra entra no coração dos ventos
e reúne em si a adolescência das aves que passam
nas partituras dos jardins erguidos para o sul

vês como os olhos pedem proteção ao mar
quando as sementes estão no mais denso desalinho
e podem perder o caminho que as leva para a terra

eu apenas sei que estou aqui porque a manhã
adivinhou que o meu cantar estava mais frágil
e não sabia para que lado o crepitar das abelhas
tinha direcionado as suas mais brancas lâmpadas

José Manuel Cardoso Moreira
Valbom

Não sou mais do teu tamanho

Não. Não sou mais do teu tamanho.
Não sei quem de nós cresceu
Nem sei por que me emaranho
Nesse teu mundo sem céu.

Não. Não sou mais do teu tamanho.
Não sei se o perto é distante,
Nem sei por que me banho
Nesse teu ímpeto farsante.

Não. Não sou mais do teu tamanho.
Não sei se morra, se viva
Nem sei se perco, se ganho
Ao estar, em ti, cativa.

Não. Não sou mais do teu tamanho
Não sou, nem quero mais ser.
Teu tamanho é tão tacanho
E viver nele é morrer.

Não. Não és mais do meu tamanho
Nem sei se vais entender
Que és agora um corpo estranho
E eu sou alma a renascer.

Maria da Conceição Pereira
Fátima

XXIX Jogos Florais de Monforte – 2023



Soneto

1º Prémio

Tito Olívio Henriques – “Bolacha Maria” – Meus Poemas

2º Prémio – Ex-aequo

**Tito Olívio Henriques – “Bacalhau seco” – Barco de Papel
António José Barradas Barroso – “Laranjeira” –O Homem Alentejano**

3º Prémio

Tito Olívio Henriques – “Capataz” – A Insónia

Mencões Honrosas

João Alberto Bragança E. dos Santos – “Elmano Gil” – Postura

1º Prémio

MEUS POEMAS

São meus poemas gritos de amargura
que se baloçam, álgidos, perversos,
por entre os sulcos acres dos meus versos,
quais guerreiros sedentos de aventura.

Montam cavalos de asas de loucura
com galopes e passos mais diversos,
percorrendo planetas, universos,
numa ânsia dolorida de procura.

São filhos só da Dor. Nascem sem pai.
Órfãos se assumem, tal como quem sai
das entranhas de um ser patibular.

Mas se fiquei viúvo da esperança,
e de infortúnios vivo na abastança,
só tenho meus poemas para amar.

Tito Olívio Henriques

Faro

2º Prémio – Ex-aequo

BARCO DE PAPEL

Dos sonhos fiz um barco de papel.
Enchi-o de mentiras que nos contam,
De trapaças, das burlas com que afrontam,
De todas as traições gordas de fel,

De tantas cruas guerras sem quartel,
De falsas armadilhas que nos montam,
De fomes e de drogas que despontam
E matam nesta Torre de Babel.

Desiludido assim com este mundo,
No mar encapelado e bem profundo
Eu queria ver tudo a naufragar.

Mas até nisto a sorte me frustrou
O mar encapelado se acalmou
E o barco começou a navegar...

Tito Olívio Henriques

Faro

2º Prémio Ex-aequo

O homem alentejano

Pelico aos ombros, com alma de artista,
Capote de aba larga, açorda à ceia,
Para além do horizonte que ele avista,
Safões cobrindo as pernas, pão semeia.

Trabalho duro, agreste, de conquista,
Arado abrindo a terra que o rodeia,
Homem criança, força de alquimista,
Cumpre o destino, traça uma odisseia.

Se, na tarde bucólica, há sinais
Da calma que conduz a sua vida,
Em lânguido cantar a dor projeta.

E se é na imensidão desses trigais
Que a lentidão do gesto é mais sentida,
Então, findo o trabalho, é um poeta.

António José Barradas Barroso

Parede

3º Prémio

A INSÓNIA

No meu quarto, entre o escuro que campeia,
Descortino um fantasma em cada canto,
Com vozes que me acusam, como pranto,
E o medo sobre o leito calcorreia.

A insónia em ritual se pavoneia
Como uma meretriz em róseo manto,
Que me seduz, me chama, e, entretanto,
Impúdica, em meu corpo se passeia.

Pecados tenho - eu sei - como qualquer
E, se virtudes tenho, me esqueci,
Que o Tempo tudo leva e tudo traz

E contas nunca fiz de «deve» e «haver»;
Mas, se em males de amor me redimi,
Porque não posso então dormir em paz?...

Tito Olívio Henriques

Faro

Menções Honrosas

Postura

Na frágil vivência de mil desejos,
Que buscam na vida satisfação,
Eclodem doces, musicais harpejos,
Com que a lira tece nova canção.

Nos arraiais da vida há cortejos,
Máscaras vivas de sublimação
Com que vamos tecendo, em lampejos,
Esgares que suprem satisfação.

Não vai sempre tudo pelo melhor,
Nem tudo se pode solucionar
Para lá de todo o nosso fervor.

Manter sã postura, o melhor porte,
Pode muitas vezes fazer brilhar
A estrela, que ao melhor cais nos aporte.

João Alberto Bragança E. dos Santos

Baguim do Monte

XXIX Jogos Florais de Monforte – 2023



Poesia Obrigada a Mote

1º Prémio

João Francisco da Silva – “Pena Humilde” – Sentimentos Floridos

2º Prémio

Vitor Manuel Alves Fernandes – “O atormentado” – Maus Pensamentos

3º Prémio

António José Barradas Barroso – “Ameixeira” -

Mencões Honrosas

**Francisco Manuel Matos Serra – “Ali Babá”
A Verdade como princípio transcendente**

João Francisco da Silva – “Raiz do Bem” – Vício de Maldizer

Mote:

*“Quem dos outros pensa mal
Sem a verdade saber,
De certeza que é capaz
De muito pior fazer.”*

(Romarisa)

1º Prémio

Sentimentos floridos

Com saberes conseguidos
Partilhamos vida sã,
Para haver um amanhã
De sentimentos floridos
E nos sentirmos unidos
Numa luta sem igual,
Pelo bem-estar mundial,
Com amor no coração,
P’ra que não tenha razão
Quem dos outros pensa mal!

Dar valor à humildade,
Rejeitando a arrogância
Tem suprema importância,
P’ra criar felicidade;
Ofertemos amizade,
Considerando um dever,
É gesto de bem-fazer,
E de bondade incontida,
Não passemos pela vida
Sem a verdade saber!

O Homem nem sempre erra,
E, com boas intenções,
Até quer calar canhões
E acabar com a guerra,
Trazer alegria à Terra,
Sonhos que vêm detrás;
Nobre é o esforço que faz
P'ra ter a vida serena,
E, com atitude amena,
De certeza que é capaz!

Façamos a diligência
Por criar boa harmonia,
Gerando mais empatia,
Com sensata inteligência,
Aceitando a divergência
Das mil maneiras de ser,
E quem erros cometer
Só tem que se controlar,
Para que possa evitar
De muito pior fazer!

João Francisco da Silva

S. Tiago dos Velhos

2º Prémio

Maus pensamentos

Andava eu distraído
talhando com uma navalha
um cepo qualquer, se calha
de um chaparro caído,
quando dei por mim perdido
num pensamento banal,
pois se sabe ser geral
e fácil de concordar,
ser coisa de censurar
quem dos outros pensa mal.

Assim neste pensamento
o dia se foi passando
com as ovelhas pastando,
logo o tosco cepo avento
o canito por um momento
abala atrás a correr
depois vem comigo ter
ao ver-me meio enfadado
com pena de mim, coitado,
sem a verdade saber.

E vou falando comigo
magicando a solução
(às vezes falo com o cão
que é o meu melhor amigo)
“Mas eu não sei se consigo...
assim não me satisfaz”
e no rebanho lá atrás
a voz do velho carneiro:
- Não desista, companheiro,
de certeza que é capaz!

Nesta vida de pastor
nunca fiz mal a ninguém
sou órfão de pai e mãe
só do gado tive amor
e retribuo o favor.
Por isso vou-me conter
e o mau pensar tolher
que me anda a atazanar
capaz, se não me endoidar,
de muito pior fazer!

Vitor Manuel Alves Fernandes

Corroios

3º Prémio

Desprezar a voz amiga
que, da consciência, vem,
para denegrir alguém
em forma torpe de intriga,
tem muito que se lhe diga,
é um símbolo formal
pois tem cunho pessoal,
que junta mentira à loa,
e nunca é boa pessoa
quem dos outros pensa mal.

É que, falar por falar,
propalando uma inverdade
não é só futilidade
é forma de se elevar
ante quem possa escutar,
mesmo sem nada entender,
porque tudo o que disser
pode ser entediante,
mas é um ouvir constante
sem a verdade saber.

A verdade não procura
porque não tem interesse,
e o boato permanece
numa forma bruta e dura,
que até se o visado abjura
de todo o modo, aliás,
poderá ser loquaz,
mas a voz do maldizente
pra convencer toda a gente
de certeza que é capaz.

Não há qualquer punição
para esta ação tão obscena
que, senti-lo, dá-me pena
não haver condenação,
até uma admoestação
possível de se entender,
se isso fosse suceder
talvez ele percebesse
e que, de todo, esquecesse
de muito pior fazer.

António José Barradas Barroso

Parede

Menções Honrosas

A verdade como princípio transcendente

É princípio transcendente
evidente e não precário,
que, até à prova em contrário,
toda a gente é inocente...
Mas, gente que quer ser gente
com estatuto especial
não assume esta moral...
está em contradição
e muito avesso à razão

Quem dos outros pensa mal

Há gente que, por gostar,
é caixa de ressonância,
diz, em muita circunstância,
sem cuidado ou sem pensar,
boatos que andam no ar...
e só porque ouviu dizer
vai prolongar, estender
a regra do diz que disse...
e propaga a intrujice
Sem a verdade saber.

Desta forma se propaga,
com muita facilidade,
uma traição à verdade...
quase se torna uma saga
a mentira como praga...
Que há gente que tudo faz
para tomar eficaz
a mentira e a maldade,
se lhe falta a dignidade
De certeza que é capaz.

Este diz, aquela diz
da vida deste ou daquela,
a verdade, coisa bela
fica presa por um triz,
se não se vai à raiz
p'ra verdade esclarecer
faz a mentira crescer,
finge estar contra a mentira
aquele que teve em mira
De muito pior fazer.

Francisco Manuel Matos Serra

Cabeço de Vide

Vício de Maldizer

Quem cultiva alheia dor,
De forma pretenciosa,
É pessoa bem maldosa,
Desprovida de amor;
Arrasa seja quem for
Sem saber o que é real,
Tornando a vida infernal,
Porque causa dor e pranto;
Não será lá muito santo
Quem dos outros pensa mal!

É postura que indica
Pobreza na emoção,
E essa má formação
Imensos males implica,
Pois a tantos prejudica
O vício de maldizer;
Arranje outro afazer
E pare de inventar...
Não tem direito a falar
Sem a verdade saber!

É justo descer de posto
Quem pensa ter muita graça,
Mas, infeliz na chalaça
Ou piadas de mau gosto
Provoca grande desgosto
Em mulher, homem, rapaz,
Gente a quem só apraz
O melhor que o mundo tem,
Se tentar fazer o bem
De certeza que é capaz!

Quem é calão, negligente,
E quer realizar sonhos,
Adota gestos medonhos,
Enganando o inocente,
E este tipo de gente
Que nos irrita a valer,
Gostando de se entreter
A praticar a maldade
Sobrando a capacidade
De muito pior fazer!

João Francisco da Silva

S. Tiago dos Velhos

XXIX Jogos Florais de Monforte – 2023



Quadra Popular

1º Prémio

António Monteiro de Aguiar Oliveira – “Mirante” - -----

2º Prémio

João Francisco da Silva – “Dura Verdade” - -----

3º Prémio

João Francisco da Silva – “Humildade” - -----

Mencões Honrosas

António José Barradas Barroso – “Medronheiro” - -----

Augusto Manuel Molarinho de Andrade-

“O Pintor de Poemas” – O Amor

Francisco Manuel Matos Serra – “Urbino” – A subida

Maria Fátima Diniz Cruz Baptista – “Alegria” - -----

Luis Filipe Rodrigues Lopes – “Copo Cheio” – Se for possível

João Francisco da Silva – “Abraço” - -----

1º Prémio

Vi, numa janela, uns olhos,
E esses olhos me olharam.
Nunca mais, daqueles olhos,
Os meus olhos se apartaram...

António Monteiro de Aguiar Oliveira
Matosinhos

2º Prémio

Quanto mais for violento
Um falso rei da razão...
Mais letal é o fermento
Duma guerra em embrião!

João Francisco da Silva
S. Tiago dos Velhos

3º Prémio

Jamais é rico na vida
Quem é pobre d'emoções,
Com humildade perdida
E excesso de ambições!

João Francisco da Silva
S. Tiago dos Velhos

Menções Honrosas

Rei idoso, sem ter trono,
vivendo um sossego terno,
sinto passar meu Outono,
mas à espera do Inverno.

António José Barradas Barroso
Parede

O Amor

Dizem que o amor não mata
É um erro de mão cheia
Amor destrói e maltrata
Também mata volta e meia

Augusto Manuel Molarinho de Andrade
Lisboa

A subida

Quem, na vida, quer subir.
Sem dispor-se a sacrifícios...
Está sujeito a cair
Em profundos precipícios.

Francisco Manuel Matos Serra
Cabeço de Vide

Amizade é uma riqueza
De valor sentimental
Que nos ampara a tristeza
E nos dá força vital.

Maria Fátima Diniz Cruz Baptista
Alcabideche

SE FOR POSSÍVEL

Controlar a todo o custo,
Pensamentos negativos,
É procedimento justo,
Com retornos positivos.

Luis Filipe Rodrigues Lopes
Entroncamento

Quem abraça um idoso,
Com a emoção correta,
Num gesto doce, bondoso,
Corta importante meta!

João Francisco da Silva
S. Tiago dos Velhos

XXIX Jogos Florais de Monforte – 2023



Adágio Popular

1º Prémio

João Francisco da Silva – “Mão generosa” – Fraternos Laços

2º Prémio

António José Barradas Barroso – “Damasqueiro” - -----

3º Prémio

Maria Francisca Coelho Graça – “Felizardo” - -----

Mencões Honrosas

João Francisco da Silva “Coração Abastado” Riqueza é um Conceito

1º Prémio

Modalidade: **Tratamento do Adágio Popular:**
“Quem tem saúde e liberdade é rico e não sabe”

Fraternos Laços

Em abono da verdade,
Ter saúde e liberdade
É ter dois bens preciosos;
É respirar um ar puro
E confiar num futuro
Que traga dias honrosos!

É sentir todos os dias
Nascentes de alegrias,
Num permanente emergir;
É, esquecendo amarguras,
Gozar de grandes venturas,
Com razões para sorrir!

Pela parte da saúde,
Que ela p’ra melhor mude
É pedido universal;
No que toca à liberdade,
Só com paz e amizade
Poderá ser mundial!

Liberdade, com respeito,
É nobre forma de preito
A quem tal bem conquistou;
É tão bela e preciosa,
Mas há gente desonrosa
Que, dela, já abusou!

Entre beijos e abraços,
Criemos fraternos laços,
P’ra desfrutarmos dos bens;
Pois, entre tanta amargura,
Só quem tem a alma pura
É digno de parabéns!

Há que preservar valores,
Abrir portas aos amores,
Fechar janelas à guerra,
Já que a dita liberdade
Só será realidade
Se florir a paz na Terra!

Se é rico e não sabe
Quem goza de liberdade,
Com saúde permanente,
Vamos dar a conhecer
Quão importante é fazer
O bem para toda a gente!

Quem tem amor, liberdade,
Paz, saúde e amizade,
Goza de bem-estar profundo;
Mesmo filho da pobreza,
Detém a maior riqueza
Que podemos ter no mundo!

João Francisco da Silva

S. Tiago dos Velhos

2º Prémio

Se a vida te dá prazer com alegrias,
apesar de pouco teres pra teu sustento,
o verso te irá surgir, como alimento.
Tu és rico e não sabias.

Se essas rimas que ocorrem quais magias,
são apenas sonhos duma noite de verão
que nascem com o amor, com a ilusão.
Tu és rico e não sabias.

Se a musa chega e te alimenta as fantasias
que crescem rápido e te povoam a mente,
teu espírito, na verdade, está presente.
Tu és rico e não sabias.

Se, com paz na alma, vives todos os dias
com ensinamentos e costumes antigos,
és feliz com pais, irmãos e muitos amigos.
Tu és rico e não sabias.

Se teus afazeres cumpres, sem ironias,
sem recriminação que magoa e tanto ilude,
podes brincar, na vida, porque tens saúde.
Tu és rico e não sabias.

Quem dera que essa riqueza não se acabe,
que sejas sempre tu, com tua verdade,
pois se diz: - Quem tem saúde e liberdade,
é rico e não o sabe.

António José Barradas Barroso

Parede

3º Prémio

Nos tempos que vão correndo
Tudo é problemático.
É o clima,
São guerras, religiões
E países sem tostões,
Professores insatisfeitos,
Médicos estafados.
O Covid ainda ronda.
E nós?! Pobres diabos.
No meio de tanta insegurança
A vida é uma dança,
Quem tem saúde e liberdade,
É rico e não sabe.

Maria Francisca Coelho Graça

Faro

Menção Honrosa

Riqueza é um Conceito

Quem tem saúde detém um bem muito precioso,
E é tão importante usufruir de salutar liberdade,
Condições que mostram bom caminho, luminoso
A quem pretende andar por trilhos da felicidade!

Se “quem tem saúde e liberdade é rico e não sabe”,
Deve conhecer essas dádivas grandes e preciosas
E desfrutar da enorme mais valia antes que acabe
O privilégio de ter vidas salutareas e maravilhosas!

É bem sensato aliar consciência ao conhecimento,
Agradecendo a Deus, ao próximo e à própria vida,
Porque só há riqueza se houver puro sentimento,
E a liberdade só existe se a mesma for concedida!

Todos sabemos que a riqueza é um mero conceito,
Por isso, há os que se sentem ricos não tendo nada;
São pessoas humildes, tão dignas do nosso preito,
E há tantos milionários com uma vida desgraçada!

Alguns, sendo fã da avareza, abrem-lhe os braços,
Tendo com os semelhantes uma postura arrasadora;
Outros, ternos, optam pela criação de sólidos laços
De amor e amizade, com a alma pura e sonhadora!

Fortuna ilícita é sol que entre as nuvens esmorece,
Já riqueza moral, é património tão belo e profundo;
Assim, entre a humanidade esta dúvida permanece:
Quem é, na verdade, mais rico ou pobre no mundo?

João Francisco da Silva

S. Tiago dos Velhos

XXIX Jogos Florais de Monforte – 2023



Poesia Alegórica a Monforte

1º Prémio

Francisco Manuel Matos Serra – “Abeirão” – Eu irei levar Monforte dentro do coração

2º Prémio

Vitor Manuel Alves Fernandes – “Contador de Cordel” – O Charuto

3º Prémio

António José Barradas Barroso – “Pinheiro” – Turista de Ocasão

Mencões Honrosas

**António Mário Farinha Teixeira – “António Azinho” – Monforte
João Francisco da Silva – “Muralha” – Valores de Monforte
Ester Laureano Cid “Maria Harris” Monforte... terra da minha afeição**

1º Prémio

Eu Irei Levar Monforte Dentro do Coração

Quem vai atravessa o rio,
através da velha ponte...
para trás fica o Rossio
e, à esquerda, a fresca fonte.

A fresca Fonte da Vila,
ex-libris de Monforte...
e a envolvência tranquila
de alentejano recorte.

Que é um recorte traçado
em toda a mãe natureza...
que nos dá, do campo arado
nota terna de beleza.

É, como um quadro pintado,
p'los Deuses, à superfície...
a ternura do montado
unido às cores da planície.

Quando chega o mês de Maio
e os campos se enchem de flores...
chega o picanço e o gaio
e outros alegres cantores.

E, numa orquestra de cantos,
feita p'las aves canoras...
nossos campos são encantos
que alegam dias e horas.

Começam, de madrugada,
ao cântar do rouxinol...
com ternuras prolongadas
para lá do pôr do sol.

Em Monforte há sinfonias
que nos parecem divinas...
que alegam horas e dias,
vales, montes e campinas.

Por isso, em meu coração,
eu irei levar Monforte...
com carinho e emoção
para lá da própria morte.

Francisco Manuel matos Serra – *Cabeço de Vide*

2º Prémio

O charuto

Quando eu fui a Monforte,
disse o meu pai “estás com sorte,
vais provar hoje um charuto”.

Eu pensei ser a brincar,
nunca a ele o vi fumar
e eu ainda era um puto.

Ao passar em Vaiamonte
vimos estar alguém na fonte
diz-me o pai: “espera um pouco”.

Algo lhe foi perguntar
mas não os ouvi falar,
ou estavam longe, ou sou mouco.

Regressou com um sorriso
e logo ali analiso
que me preparava alguma:
Já estava desconfiado
do charuto anunciado
a ser dado a quem não fuma.

E foi na pastelaria
que eu senti a alegria
daquele doce provar;
O charuto afinal
é um doce regional
o nome fez-me enganar.

Vitor Manuel Alves Fernandes
Corroios

3º Prémio

Turista de ocasião

Andei pelo Alentejo e tive a sorte
de parar em Monforte
apenas um dia,
mas vi gente em trabalho rotineiro,
um dia inteiro
e com alegria.

Então, fiz-me turista, num momento,
e o pensamento
logo me levou
a ver muitas casas, de branco caiadas,
nas empedradas
ruas que mostrou.

Depois, suas lindas igrejas, de encantar,
quiseram louvar
um Deus nas alturas,
e a mostra dos campos, vista do castelo,
mostravam que é belo
ver tantas verduras.

E vi homens, lapidando o duro granito,
trabalho bonito
de arte castiça
mas, também vi, do sobreiro, ser tirada,
pra ser trabalhada,
a bela cortiça.

Trabalhos em pele e chifre de bovino
requerem o tino
herdado dos pais
e, então, na gastronomia, é um deleite
provar o azeite
dos seus olivais.

Adeus Alentejo, de regresso à cidade
já sinto a saudade
do teu garbo e porte
porém, entre nós, te juro em segredo
que, ainda bem cedo,
eu volto a Monforte.

António José Barradas Barroso
Parede

Menções Honrosas

Monforte

Num monte alto e forte
À ribeira sobranceiro
Por ordem de Afonso terceiro
Ali nasceu Monforte

Monforte terra feliz
Num Alentejo com alma
Nas veias, a Torre de Palma
Em Rabuje a raiz.
Foi prenda de D. Dinis
Eu invejo a sua sorte
Portalegre, vizinho a norte
Tem Fronteira a oeste
Estremoz a sudoeste
Num monte alto e forte.

Quem visitar Vaiamonte
Que é da era dos romanos
Cuidado com os enganos
Tem de passar pela Ponte.
Ao olhar o horizonte
Seguindo o seu roteiro
O Castelo altaneiro
E a Igreja do Calvário
No rossio solitário
À ribeira sobranceiro.

Assumar é freguesia
Foi conselho no passado
Com castelo amuralhado
Um Conde na monarquia.
O passado é nostalgia
E seguindo o meu roteiro
Santo Aleixo padroeiro.
Os bonecos do talhinhas
Percorreu terras vizinhas .
por ordem de Afonso Terceiro

Monforte, tem uma estrelinha
Poeta e doutrinador
Político e professor
De nome António Sardinha.
Monárquica, a sua linha
Na vida, não teve sorte
Cedo ceifado pela morte
Homem de religião
S. João Batista e Conceição
Ali nasceu Monforte.

António Mário Farinha Teixeira
Palmela

Valores de Monforte

Da remota época neolítica vem a primeira ocupação
Levada a efeito por povos dedicados à vida pastoril;
A civilização romana foi exímia na forte construção
Que enriqueceu a nossa história com suas obras mil!

A Villa Lusitano-Romana Torre de Palma é história,
Recheando de interesse esta nossa cultural viagem;
O Castelo de Monforte esconde vestígios de glória,
Na Escola Básica Integrada floresce aprendizagem!

O Jardim de Infância de Monforte abraça crianças,
Na Igreja da Madalena cumpre-se a devota oração;
A Igreja Paroquial de Santo António dá esperanças,
Nasce fé na Igreja de Nossa Senhora da Conceição!

António Sardinha foi Grande Senhor da filosofia,
Isabel de Lencastre a nobre Duquesa de Bragança;
João Moura artista cavaleiro da bela tauromaquia,
Nobreza, cultura e tradição numa perfeita aliança!

Em Pensennisso tem a linda arte da representação,
Maravilhosa a Orquestra Ligeira Novas Melodias;
Seara Jovem é fonte de alegria, cultura e tradição,
Agitagente é luz do presente que o amanhã alumia!

Sebastião Monteiro da Vide foi, na fé, nobre senhor,
Sendo da Bahia arcebispo e do Brasil ilustre primaz;
José Carlos Malato é famoso locutor e apresentador,
Maria Caetano cavaleira da arte que tanto nos apraz!

D. Afonso III outorgou a Monforte a 1.^a Carta Foral,
Conferindo-lhe a segunda o Rei D. Manuel Primeiro;
Para D. Isabel, por seu pai, D. Diniz, Rei de Portugal,
Monforte foi prenda e dote do seu casamento cimeiro!

Com Monforte, Vaiamonte, Santo Aleixo e Assumar,
Tem boa agricultura, cria gados e explora os granitos;
Concelho com mil artes para a este mundo apresentar,
Terra que honra Portugal, com feitos nobres e bonitos!

João Francisco da Silva
S. Tiago dos Velhos

Monforte... terra da minha afeição

Alentejo de olivais
que dão luz na escuridão
as papoilas e trigais
o teu cante e nosso pão

Ó Monforte Ó Monforte
Não és aldeia nem cidade
És uma vila bonita
Onde vive a Liberdade

Onde vive a Liberdade
Abril e a Revolução
Ó Monforte Ó Monforte
Trago-te no coração

A Fontana é já velhinha
Não esqueci nem ela esqueceu
A sua água é minha
O meu coração é seu

E o Rossio imponente
Com a sua ponte romana
Orgulho da nossa gente
A sua beleza emana

Parti e vim pr'a Lisboa
Tenho saudades sem fim
Se me vires chorar perdoa
Nunca te esqueças de mim.

Ester Laureano Cid - *Carnaxide*



monforte
municipio